

O ENCONTRO SILENCIOSO COM O UNO EM PLOTINO

Pedro Savi Neto¹

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre o encontro com o Uno em Plotino. Para que se atinja ao silêncio místico necessário para este encontro, será trilhada a via da contemplação – um caminho de ida e volta ao Uno. O estudo começará da realidade material, percebida pelos sentidos e descritível pela linguagem, numa escala ascendente em direção ao Uno, pois, na filosofia de Plotino, o objetivo da nossa existência é retornar ao Uno, em um movimento eterno e cíclico de volta ao interior.

PALAVRAS-CHAVE: Plotino; Silêncio; Uno; Contemplação.

ABSTRACT

This paper presents an analysis about the encounter with the One in Plotinus. In order to achieve the mystical silence required for this meeting will be trodden the path of contemplation - one way to and back to the One. The study will begin the material reality, perceived by the senses and describable by language in an ascending scale toward the One, as in the philosophy of Plotinus, the purpose of our existence is to return to the One, in an eternal and cyclical movement back to the inside.

KEYWORDS: Plotinus; Silence; the One; Contemplation.

INTRODUÇÃO

Verbalizar é estabelecer limites. Toda palavra é mais exclusiva do que inclusiva. Como quando se busca apanhar a água com a mão: transborda muito mais do que se consegue segurar. Plotino mostra a impossibilidade de verbalização daquilo que é realmente importante. Do século II d.C., período no qual viveu o filósofo, até hoje, aparentemente muita coisa

¹ Bolsista PNPd/Capes junto ao PPGEduc da Escola de Humanidades da PUCRS.

mudou; contudo, com relação ao que realmente importa, nada mudou. Como sua filosofia explica, apenas houve uma profusão de formas na realidade sensível, mas uma manutenção da essência na realidade inteligível.

O homem seduzido pelo virtual, por aparatos capazes de mimetizar diversos aspectos da realidade sensível e, até mesmo, alguns aspectos da realidade inteligível, vive um momento no qual acredita ser capaz de representar tudo. Os mais incautos acreditam que a linguagem (virtual) é capaz de abarcar a integralidade da realidade.

Diante disso, se para alguns contemporâneos de Plotino já se afigurava difícil olhar para além das aparências percebidas pelos sentidos, atualmente, com a profusão de formas na realidade material, a situação se agravou significativamente.

Nesta medida, os ensinamentos de Plotino permanecem pertinentes, merecendo uma reflexão mais detida, daquelas destinadas às coisas menos evidentes.

I

Plotino concebeu o universo inteligível fundamentado em três hipóstases²: o Uno (*Hén*), o Intelecto (*Noûs*) e a Alma do mundo (*Phykhé*). O Uno é o princípio de tudo, de onde derivam todas as coisas. Do Uno, é emanado o Intelecto³; e deste, a Alma. O Intelecto contempla o universo inteligível; a alma, o universo sensível. Partindo destas três hipóstases, inteligíveis e incorpóreas, Plotino apresenta uma explicação para todas as coisas. Assim como um fruto com diversas camadas a serem descascadas até que se chegue ao principal, Plotino construiu sua filosofia.

Tudo é emanado do Uno, que é anterior a tudo e está em tudo, mas não é igual às formas encontradas na realidade material. Para o entendimento do tema que ora se propõe expor, será realizado o caminho de volta: da realidade material ao Uno.

² Para Gabriela BAL, *Silêncio e Contemplação – Uma introdução ao pensamento de Plotino*, p. 27-28, “O termo hipóstase aparece no título do Tratado 10 [V1] e seu sentido deve ser entendido como produção, ou seja, da produção de uma realidade a partir da outra. Paul AUBIN, *Plotin et le Christianisme: Tríade plotinienne et trinité chrétienne* (cap. XII-XIV), discute exaustivamente a temática das hipóstases em seu contexto histórico e a sua utilização por Plotino. E, ainda que a maioria dos comentadores utilize o termo ‘hipóstase’ ao se referir às três realidades primordiais, preferimos a utilização do termo ‘as três realidades principais’ porque este termo expressa aquilo que o título do Tratado 10 [VI] diz em sua origem e que, para efeito de simplificação, os comentadores traduzem simplesmente por ‘As três hipóstases’, quando o seu título original é ‘As três hipóstases que têm posição que têm posição de princípio’.

³ Segundo Reinoldo Aloysio ULLMANN, in *Plotino: um estudo das Enéadas*, p. 25-26, “O Intelecto existe desde sempre como expressão eterna do Uno. Contemplando o Uno, o *Noûs* gera em si mesmo o mundo das idéias (*kósmos noëtós*)”.

Desconstruir a filosofia carinhosamente estruturada por Plotino é uma missão somente possível pela dedicação de Porfírio⁴, que deixou as migalhas para trilharmos o caminho de retorno, que ruma para dentro de nós mesmos, para o encontro silencioso com o Uno.

Para que se atinja ao silêncio místico necessário para este encontro, será trilhada a via da contemplação – um caminho de ida e volta ao Uno. O estudo começará da realidade material, percebida pelos sentidos e descritível pela linguagem, numa escala ascendente em direção ao Uno, pois, na filosofia de Plotino, o objetivo da nossa existência é retornar ao Uno⁵, em um movimento eterno e cíclico de volta ao interior, em direção ao si mesmo⁶.

II

O contato do homem com a realidade material é mediato, mediado pelos sentidos. Percebemos e conhecemos a realidade através dos sentidos.

O Uno é anterior a todas as coisas, que emanam Dele. Por ser a realidade principal e anterior a todas as coisas, de onde emana a multiplicidade, Ele é simples.

Infatti, se non fosse semplice, privo di qualsiasi accidentalità e composizione e relamente uno, non sarebbe Principio; ma poiché è semplice, Egli è assolutamente indipendente e primo fra tutte le cose: infatti ciò che non è primo ha bisogno di ciò che è prima di Lui, e ciò che non è semplice ha bisogno degli elementi semplici che sono in Lui per poter derivare da essi. (PLOTINO, V, 4(7), 1, 13-15 *apud* FAGGIN, 1996).

Como é possível, então, conhecer o Uno, simples, primordial, perfeito e completo, uma realidade tão distante dos nossos sentidos, mediante a realidade material, múltipla e corruptível?

Todas as coisas são emanadas do Uno e, embora não sejam sua cópia idêntica, guardam alguma semelhança com Ele. O esforço se dirige no sentido de perceber a essência das coisas, deixando de lado sua corporeidade; consiste em lançar um olhar para além das

⁴ *Ibid.*, p. 229-230. Porfírio foi o compilador das *Enéadas*. “Não fora ele e ter-se-ia perdido a grande riqueza da filosofia plotiniana a qual Porfírio, a pedido de Plotino, corrigiu, do ponto de vista gramatical, e ordenou, resultando cinquenta e quatro tratados.” “Em outras palavras, Plotino seria o autor filosófico e Porfírio o autor literário”.

⁵ *Ibid.*, p. 148, “Para Plotino, tender ao Uno e unir-se a ele constitui, pelo assim dizer, o cerne e a culminância da existência filosófica. O autor da *Enéadas* não filosofa por filosofar, não reflete por refletir. A reflexão e a filosofia são determinantes de uma forma de viver e intensificam a assimilação com o Uno à qual chegou Plotino”.

⁶ “A si mesmo significa ‘ao seu verdadeiro eu’, isto é, ao Intelecto” in HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga?*, p. 231.

aparências, das formas. Enxergar o que não pode ser percebido pelos olhos, sentir o que não pode ser acessado pelo tato.

Desde o seu nascimento, todos os homens recorrem à sensação antes do intelecto, e eles encontram primeiro, necessariamente as coisas sensíveis. Alguns deles aí permanecem e pensam durante toda a vida que as coisas sensíveis são a realidade primeira e última, consideram o que nelas é desagradável e agradável como o mal e o bem – acreditando que isso é suficiente – e passam a vida, nós sabemos, a perseguir um e evitar o outro. E dentre eles, os que têm pretensão à razão, estabelecem que isto é o saber, como os pesados pássaros que, após terem recolhido muitas coisas na terra, são incapazes de voar muito alto por causa do seu peso, mesmo que a natureza os tenha provido de asas. (FRONTEROTTA, 1998, p. 199-200).

Do mesmo modo, a linguagem é forma⁷. E, nesta medida, ela é limitada, incompleta, débil. Disso, entende-se que a jornada do homem em direção ao encontro silencioso com o Uno é iniciada pelos sentidos, pelo discurso⁸, mas não encontra seu termo na realidade sensível, pois esta, múltipla e imperfeita, não se afigura como instrumento capaz de representar a essência do Uno. A linguagem se presta para representar as realidades inferiores; os sentidos são capazes de perceber apenas aquilo que é mais evidente.

Com efeito, a natureza singular, infinita e inefável do Uno, não possibilita sua representação por uma linguagem finita e limitada. Sendo o Uno o princípio de todas as coisas, não pode ser representado por uma linguagem limitada e, além disso, polissêmica. A ocorrência de polissemias na linguagem, no discurso, é completamente incompatível com o sentido da unidade do Uno; pois, Ele, enquanto unidade, não pode ser representado de forma dual, ambígua. Admitir, ao mesmo tempo, a verbalização do Uno e a ocorrência de ambiguidade, de dualidade, na linguagem é violar a unidade característica da realidade primordial.

⁷ Sobre os limites da linguagem em Plotino, ver Frederic M. SCHROEDER: *Plotinus and language in The Cambridge Companion to Plotinus*, Edited by Lloyd P. Gerson, p. 336.

⁸ (pág 59) Utilizamos a definição de “discurso” de B. COLLETTE, *Dialectique et hénologie chez Plotin*, p. 71-72 nota 120. “Etimologicamente ‘discursivo’ vem de *discursivus* que é extraído de *discursus*. Ainda que possa parecer anacrônico fazer uma análise etimológica do termo dado que este termo é de origem latina e não foi pois utilizado por Plotino, esta análise não é supérflua não apenas porque numerosos comentadores modernos fazem uso dele, mas igualmente porque o termo se revela particularmente de acordo com o pensamento plotiniano. *Discursus* que significa propriamente ‘discurso’ designa originalmente ‘a ação de se dispersar correndo, de correr em todas as direções’ ou ainda ‘a ação de se agitar em todos os sentidos, de ir e vir com pressa’. Trata-se então de uma corrida e por isso de uma caminhada quer toma múltiplas direções, que requer diferentes mediações a fim de alcançar seu fim. Ao mesmo tempo, esta ‘corrida’ é o signo de uma falta, de uma certa agitação febril, de uma ocupação em que aquele que corre é como que possuído pelo objeto. Todas estas noções recobertas etimologicamente pela discursividade caracterizam particularmente bem a alma humana tal como Plotino nô-la apresenta, esta alma que busca possuir um objeto e que, por esta razão é ela mesma possuída por ele, que se ocupa e se perde ao longo de caminhos sinuosos, que se dispersa, inconsciente do fato que ‘a verdade essencial não está de acordo com outra coisa, mas de acordo com ela mesma’”.

Em função da imprestabilidade da linguagem para descrever a realidade inteligível, Plotino utilizava com frequência mitos e metáforas, sempre atentando mais ao sentido do que às palavras. ULLMANN (2002, p. p. 92-93) assevera que “O mito evoca valores humanos e divinos, desperta a saudade da verdadeira pátria, da solidão silenciosa, onde cessa o pensamento discursivo”. Discurso e mito seriam recursos necessários, mas não suficientes, para a unificação da alma, perdida na realidade sensível, com o Uno.

A linguagem, neste contexto, é utilizada como o início da estruturação de uma representação filosófica da realidade sensível rumo à realidade inteligível, mas, por si só, não viabiliza o acesso ao Uno.

Assim, o homem vive com esta dualidade: a necessidade de representar e comunicar sobre o Uno e a impossibilidade de fazê-lo com palavras, simultaneamente.

Realidade material e linguagem figuram como o início do caminho que conduz ao contato com o Uno; todavia, referido caminho, a certa altura da jornada, é ofuscado pela luz proveniente do Intelecto. A partir disso, a continuação da caminhada é mais presenciada do que descrita; mais sentida do que percebida: é uma experiência vivenciada de forma silenciosa para além dos sentidos.

Para fugir da realidade material, Plotino se disciplinou de modo a não permitir que a alma se desviasse para a realidade sensível, pois a atenção deveria ser orientada para o Intelecto⁹.

Neste sentido, Plotino concebe a alma inferior (alma sensitiva), mais voltada às coisas terrenas, e a alma superior (alma racional), que não se relaciona com o corpo, mas recebe as sensações colhidas pela alma inferior, voltada ao Intelecto. A alma inferior percebe a realidade sensível e a alma superior fornece a intuição deste mesmo objeto, pelo contato com o Intelecto. A sensação viabiliza a comunicação que aproxima as duas almas, numa espécie de tentativa de conformação, de comparação, das formas percebidas pelos sentidos à matéria idealizada pelo Intelecto.

Com efeito, o contato do homem com a realidade sensível é efetivado pela alma inferior. É através das formas percebidas pelos sentidos que o homem conhece tanto a realidade sensível como a realidade inteligível, e, como será visto, a si mesmo. Contudo, o processo de conhecimento não para na alma inferior, pois, tanto o que se conhece pelos sentidos exteriores quanto as impressões inteligíveis dependem da mediação da alma superior.

⁹ Como nota Porfírio em sua *Vida de Plotino* in HADOT, Pierre, *O que é filosofia antiga?*, p. 231, “Sua atenção a si mesmo jamais relaxa, senão durante o sono, o que o impede, ademais, até mesmo de alimentar-se pobremente (muitas vezes ele não comia sequer pão) e a contínua orientação de seu pensamento para o Espírito.”

Partindo daquilo que o homem conhece pelos sentidos sensíveis, ela, a alma sensível, conduz da linguagem ao Intelecto; da forma à matéria.

A filosofia cuidadosamente engendrada por Plotino revela um caminho para o encontro com o Uno que parte da multiplicidade da realidade sensível que é percebida pela alma inferior, compatilizada pela alma superior às impressões decorrentes da contemplação do Intelecto para, finalmente e silenciosamente, chegar à essencialidade do Uno.

No processo de recolhimento das impressões sensíveis, a alma inferior nota semelhança e dessemelhança. Semelhança, pois todas as coisas emanam do Uno e, nesta medida, tem algum ponto em comum com Ele; dessemelhança, porque apenas Ele é perfeito, único. Este processo de identificação determina a conversão do olhar do homem para si mesmo. O homem passa a buscar em si mesmo a semelhança com o Uno.

O discurso filosófico de Plotino, para todos os níveis da realidade, conduz a uma ascese e a uma experiência interiores que são o verdadeiro conhecimento, pelo qual o filósofo eleva-se para a realidade suprema alcançando progressivamente níveis mais e mais interiores da consciência de si. (HADOT, 1999, p. 236).

Entre o Uno e a sua emanção há semelhança. O princípio atualiza-se no emanado e, dessa maneira, ocorre o enfraquecimento da imagem do Uno (Forma) pelo transbordamento e criação das demais realidades existentes. E o semelhante é novamente atraído ao seu princípio, justamente pelo fato de antes ter-se afastado dele.

Superado o contato com a realidade sensível, o encontro com o Uno exige um processo de retorno a si mesmo, de recolhimento às profundezas do próprio ser para, então, pela contemplação e pelo silêncio o homem encontrar o Uno.

A conversão do olhar para o interior remete tanto ao princípio original, como ao si mesmo. A contemplação promove tanto a criação quanto a unificação. O pensamento do Intelecto ocorre simultaneamente em duas direções: ao Uno e a si mesmo. O primeiro desdobramento ocorre quando o Uno volta seu olhar para si mesmo. A unificação com o Uno passa por uma unificação consigo mesmo. Para Plotino “Quem se conhece, conhece a sua origem” ULLMANN, 2002, p. 153).

Contudo, o homem tende a conhecer a partir da dessemelhança, da alteridade. Buscar a semelhança, o si mesmo, é uma tarefa mais árdua do que encontrar a dessemelhança, porquanto é necessário enxergar além das aparências.

O encontro com a semelhança no si mesmo é a percepção do que restou do Uno nas formas; é quando o homem apreende a essencialidade no Uno, superando as formas e

vislumbrando o conhecimento interior. O si mesmo é um elemento de convergência e, portanto, de unificação; enquanto que a forma é o elemento de dessemelhança.

Do olhar que o Intelecto lança sobre si mesmo é que surge a possibilidade de retorno ao Uno. Contemplação é reflexão. Fletir-se sobre si mesmo, num processo de unificação.

Contemplação é, a um só tempo, conversão e dispersão. Plenitude e falta são também contemplação. Na plenitude ocorre o transbordamento. O enfraquecimento decorrente do desdobrar-se alcança a ação. Agimos apenas porque queremos contemplar, ver e retornar à origem. Da falta à ação, à práxis, à unificação. Tudo isso ocorre sem que possamos dar-nos conta, em Silêncio. O movimento sucede-se no “derramar-se” das realidades sucessivas; de um movimento originado do repouso, sem esforço. A contemplação é silenciosa e tudo acontece sem que nada seja feito. “E a contemplação é Silêncio. Toda realidade, portanto, é ‘contemplação’ e ‘silêncio’”. (BAL, 2007, p. 53).

III

A mensagem enviada pelos sentidos é apreendida pela alma e interpretada pelo *noûs*. Mediante a reflexão, a contemplação, o homem é convidado a realizar o caminho para sua própria unificação. O homem que vive de acordo com o *Noûs* tende para o Uno, reconhecendo, em si, pelo Intelecto, os reflexos da luz emanada pelo Uno.

Esta caminhada é um exercício. Um exercício ascético pelo qual a Alma gradualmente reconhece em si mesma os elementos que a compõem (forma e matéria), afastando-se daquilo que não representa sua essência, mas pelo qual ela pode realizar o retorno à sua origem.

As três etapas do caminho ascético são: (1) o reconhecimento da existência da alma e de seu papel intermediador entre as duas realidades, especialmente da alma superior, quando iluminada pelo Intelecto; (2) a experiência que conduz à unificação, constatando-se a importância do discurso no convencimento da alma sobre a luz que emana do Intelecto (quando isso ocorre, a alma se distancia da realidade sensível, realizando a chamada conversão); e (3) a conversão do olhar para a semelhança, demonstrando que a alma está preparada para a unificação, pois, para Plotino, o semelhante atrai o semelhante. Assim, toda purificação é desprendimento e desapego com relação àquilo que não pertence ao si mesmo desde a sua origem.

Disso, quando se enxerga além da realidade sensível, quando as palavras não servem mais como guia, quando nem mesmo a ciência é capaz de explicar, a Alma e o Intelecto calam para contemplar a presença silenciosa do Uno.

O exercício ascético deixa pelo caminho a dialética, como sendo o último elemento da realidade sensível. A partir disso, conhecer é sinônimo de praticar, de experimentar a presença, pois somente a virtude da alma que continuamente e progressivamente é sentida com prudência revela Deus. Plotino afirma que sem a prática ascética, Deus não é mais que um nome. O conhecimento de Deus, assim, não é obtido por meio da palavra, da ciência, nem por meio do pensamento, como ocorre com outros objetos de percepção dos sentidos, mas por meio da presença interior que é mais clara que a própria ciência.

Plotino convida ao abandono de toda a distração representada pelos sentidos. Incita ao abandono de tudo aquilo que, num primeiro momento, ensinou a conhecer a realidade; para, então, voltar em direção ao Uno: para ficarmos a “sós” com a realidade primordial. Na impossibilidade de explicação, a solidão contemplativa e o silêncio encaminham para o Uno.

Cabe ressaltar que o silêncio é um processo de recolhimento. Contudo, não é um processo de prisão, mas, sim, de libertação. A liberdade que permite a criação. Somente quem é livre pode criar. A liberdade dos seres que imita a liberdade do silêncio original, que permitiu a criação de todas as coisas: “[O universo produz] seu objeto no silêncio. [A natureza] é uma contemplação silenciosa e um pouco vaga” (FAGGIN, 1996, p. 97).

Depois do encontro com o *Noûs*, o homem percebe que o si mesmo que até então conhecia é sensível. A imagem do si mesmo formada durante toda a vida é uma imagem baseada nos sentidos. No momento da unificação, percebe-se que o si mesmo verdadeiro é outro, é o Uno. É preciso abandonar “o outro” com o qual se viveu durante toda a vida e tornar-se um com o Uno.

Per questi allora, pensare se stesso non è più pensarsi come uomo, ma come un essere completamente diverso, che si è levato in alto portando il meglio dell'Anima sua, cioè quella parte che, sola, può volare verso il mondo intelligibile, affinché sia possibile serbare ciò che si è veduto. (PLOTINO, VI 9, 4, 1-3 *apud* FAGGIN, 1996).

Neste momento silencioso ocorre, no mais íntimo recanto do nosso ser, a silenciosa presença do Uno, não havendo espaço para alteridade, pois, à alteridade, está associado o barulho. O encontro é silencioso, porque é só.

Com isso, a ideia de barulho está diretamente ligada à realidade sensível, onde a profusão de formas e de sons afasta e distrai a alma, inviabilizando a concentração naquilo que realmente importa.

O múltiplo é barulhento; a solidão tende ao silêncio. Assim, o silêncio (supressão da alteridade) é apreensão imediata: o silêncio grita a presença do Uno.

Neste contexto, o “retorno” ao Uno por meio do “êxtase” não é outra coisa senão o retorno ao Uno por meio da contemplação. Recordemos que o “êxtase” é um termo que ocorre somente uma vez nas *Enéadas* e que o termo mais apropriado seria “simplificação, que, como vimos, é eliminação da alteridade, separação de tudo o que é terreno e múltiplo, contemplação na qual justamente se fundem o sujeito contemplante e o objeto contemplado: é a famosa fuga do “só para o Só”. (REALE, 1994, p. 434-435).

Conforme já afirmado, o contato com a realidade sensível é mediado pelos sentidos. O contato com o Uno é imediato, presenciado, contemplado. É a unificação indizível com o silêncio: “L’union tra l’anima e l’Uno si verifica come si è detto in modo immediato, per rassomiglianza e per indetità, per um contatto mutuo, senza intermediário” (PELLOUX, 1994).

A unificação evidencia a presença eterna daquele que sempre esteve presente, independentemente de qualquer reconhecimento anterior. Para o *Noûs*, a unificação é uma experiência eterna; para a alma, uma experiência fugidia, mas marcante, levando aquele que contemplou o silêncio revelador a tentar compartilhá-la com os outros, respeitados os limites da impossibilidade de verbalizar a experiência vivida de contato com a realidade primordial.

Importa ressaltar que a ideia de silêncio em Plotino não significa o oposto de palavra: da mesma forma que o homem é permeado pelo Uno, a palavra é permeada pelo silêncio.

O homem pode viver em diferentes níveis noéticos e as diferenças do ser são somente, em primeiro lugar, como bem mostrou J. Trouillard, os diversos níveis de sua existência. Mas, também a palavra participa de todos esses planos segundo modalidades peculiares, e isso ainda que permaneça, em aparência, a mesma palavra – um pouco à maneira como o sábio é homem e pouco se distingue, para um olho profano, do homem escravizado. Assim, a palavra viva atua sem cessar entre diferentes níveis. E seria simples demais opô-la ao silêncio como seu contrário. O silêncio é seu centro. Ele é o ponto em direção ao qual – quando consciente de sua ligação com o verdadeiro – tentar convergir; e ao qual se esforça por refluir e se estreitar. A palavra é assediada pelo silêncio como cada ser o é pelo Um. E é a mesma presença na ausência, ao mesmo Nada, que a tudo aspira. (CHARLES-SAGET in BAL, 2007, p. 112).

Assim, experiência e silêncio são tratados como possibilidade de transcendência aos limites impostos pela linguagem, viabilizando o contato místico com o Uno.

Falar em mística tende a desacreditar a filosofia. Todavia, a mística em Plotino, de acordo com a própria etimologia da palavra¹⁰, significa um retorno para dentro de si mesmo.

¹⁰ “Mística deriva do verbo grego *myô* e significa fechar-se; especialmente fechar os olhos, recolher-se”. in Reinoldo Aloysio ULLMANN, *Plotino: um estudo das Enéadas*, p. 153.

Na experiência mística plotiniana, o homem se volta para dentro de si, abandonando as coisas da realidade sensível, despojando-se de tudo, atendendo ao imperativo *áphele pánta*, para a simplificação, desapego, da alma¹¹: “Questa è la vitta degli dei e degli uomini divini e beati distacco dalle restanti cose di quaggiù, vita che non si compiace più delle cose terrene, fuga di solo a solo” (PLOTINO, VI, 9 (11), 48-52 *apud* FAGGIN, 1996).

Assim, entendo que a mística de Plotino tem como objetivo uma transcendência do homem e da sua alma com relação às coisas corruptíveis e imperfeitas da realidade material, visando ao encontro com a realidade primordial, perfeita. A mística e, por consequência, a filosofia plotinianas, desta maneira, incitam o homem a um movimento cíclico e incessante de busca pela perfeição, de superação da realidade metamórfica do mundo sensível em busca de uma essência humana em consonância com o *kósmos*.

IV

Plotino, mesmo conhecendo a incompletude da realidade sensível, não despreza o mundo das aparências. Entretanto, convida à transcendência deste mundo material para o atingimento da realidade suprema, para que se conheça o verdadeiro princípio. Plotino conduz à experiência da luz que cega os olhos acostumados a contemplar as pálidas sombras do Uno; ao silêncio que ensurdece a audição habituada a ouvir os sussurros que tentam dizer aquilo que não pode ser dito.

O necessário afastamento da realidade material, defendido há mais de dois mil anos por Plotino, ainda não foi entendido pelo homem, justificando o interesse pela eterna filosofia plotiniana.

REFERÊNCIAS:

- BAL, Gabriela. **Silêncio e Contemplação – Uma introdução ao pensamento de Plotino**. São Paulo: Paulus, 2007.
- FAGGIN, Giuseppe. **Plotino: Enneadi**. Milano: Rusconi, 1996.
- FRONTEROTTA, Francesco. **Plotin: Traités 1-6**. Roma-Bari: Laterza, 1998.
- HADOT, Pierre. **O que é filosofia antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- PELLOUX, Luigi. **L’assoluto nella dottrina di Plotino**. Milano: Vita e Pensiero, 1994.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. v. IV. São Paulo: Loyola, 1994.

¹¹ *Ibid.*, p. 172.

SCHROEDER, Frederic M. Plotinus and language in *The Cambridge Companion to Plotinus*, Edited by Lloyd P. Gerson, 1996.

ULLMANN, Reinoldo Aloysio. *Plotino: um estudo das Enéadas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.